



46

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2015

Notas sobre a produção, a circulação e a leitura do Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez entre Portugal e o Brasil

Notes on Lunário Perpétuo's production, circulation and reading between Portugal and Brazil

ALINE DA SILVA MEDEIROS

Doutorado Universidade Federal do Ceará (UFC), 2015

Doutorado Sanduíche École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS), 2013/2014

Email: linemedeiros@gmail.com

Texto recebido em / Text submitted on: 13/05/2015

Texto aprovado em / Text approved on: 13/07/2015

Resumo:

O presente artigo traz elementos sobre a produção, a circulação e a leitura de edições portuguesas do *Lunário Perpétuo*, de Jerônimo Cortez no Brasil. Originalmente hispânico, datado do fim do século XVI, o livro conheceu diversas traduções portuguesas que circularam nos sertões brasileiros desde o século XVIII. Inserido no gênero almanaque, o *Lunário Perpétuo* apresentou uma longa trajetória, veiculando traços da herança portuguesa no Brasil até, pelo menos, meados do século passado. Reunindo um calendário de natureza astrológica e religiosa, ao qual se agregavam diversas seções que acenavam para a resolução das questões da vida prática, o livro propagou certas tradições que incluíam a cultura oral, o respeito a ancianidades e o apreço ao sagrado, ao mesmo tempo em que esteve aberto a múltiplas leituras, realizadas ao sabor das circunstâncias, dos espaços e dos tempos nos quais circulou.

Palavras chave:

Almanaque; Leitura; Lunário Perpétuo; Portugal; Brasil

Abstract:

This present article brings elements about the production, the circulation and the reading of portuguese editions of *Lunário Perpétuo*, by Jerônimo Cortez in Brazil. Originally hispanic, dated from the end of the sixteenth century, the book met several portuguese traditions that circulated in brazilian « sertões » since the eighteenth century. Inserted in the genre almanac, *Lunário Perpétuo* presented a long journey, conveying features of the portuguese heritage in Brazil to, at least, mid last century. Gathering a calendar of astrologic and religious nature, to wich was aggregated many sections that pointed to the resolution of practical life questions, the book disseminated certain traditions that included the oral culture, the respect to old ages and the esteem for the sacred, at the same time it was open to multiples readings, performed to the flavor of the circumstances, spaces and the time in wich it circulated.

Keywords:

Almanac; Reading; Lunário Perpétuo; Portugal; Brazil

Apresentação

Diversos elementos da cultura lusitana setecentista presentes no território que hoje corresponde ao Brasil foram veiculados de múltiplas formas. Uma delas, talvez entre as mais duradouras, diz respeito ao impresso. As produções, circulações e leituras de livros portugueses constituem, nesse sentido, dimensões de alta importância para se averiguar os traços das heranças lusitanas, suas permanências e suas transformações, especialmente nos sertões do Brasil. É nesse movimento que se insere o *Lunário Perpétuo*, cujos circuitos de elaboração e de consumo dizem muito sobre os valores e as crenças, as expectativas e os receios que atravessam a vida cotidiana especialmente de populações rurais, partilhados em boa medida entre Portugal e a antiga colônia desde o século XVIII até os meados do século passado.

O Lunário Perpétuo entre a Espanha e o Portugal

Para Luís da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário de Folclore Brasileiro*, o livro intitulado *Lunário Perpétuo*

Foi durante dois séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas de astrologia, dando informações sobre horóscopos, rudimentos de física, remédios estupefacientes e velhíssimos. Não existia autoridade maior para os olhos dos fazendeiros e os prognósticos meteorológicos, mesmo sem maiores exames pela diferença dos hemisférios, eram acatados como sentença. [...] Registra um pouco de tudo, incluindo astrologia, receitas médicas, calendários, vidas de santos, biografia de papas, conhecimentos agrícolas, ensinamentos gerais, processo para construir um relógio de sol, conhecer a hora pela posição das estrelas, conselhos de veterinária¹.

O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo..., de autoria do valenciano Jerônimo Cortez (1555-1615)², veio a lume na Espanha no ano de 1582. Constituíu um livro que, como tantos outros que surgiram na Europa a partir da invenção da imprensa, trazia como assunto privilegiado a astrologia. Aliás, a predominância das publicações astrológicas, junto com sermonários, peças moralizantes e outros impressos religiosos, indicava o prestígio daquele

¹ Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário de Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1962 (1954), p. 434.

² De Jerônimo Cortez, infelizmente não se conseguiu apurar maiores informações.

saber entre boa parte dos leitores a que se dedicava a nascente produção impressa europeia.

Tem-se notícia de que durante a Idade Média, alguns manuscritos astrológicos circulavam pela Península Ibérica³. Nesse período, precisamente a partir do século X, quando do empreendimento das Cruzadas, o saber astrológico sofreria considerável impulso com a introdução de elementos de tradição árabe, em especial aqueles advindos do chamado *Tetrabiblos*, livro do egípcio Cláudio Ptolomeu, que, “no século II da era cristã, sintetizou os conhecimentos astronômicos e as hipóteses astrológicas anteriores, codificando o saber astrológico”⁴. Reconhecem-se facilmente traços desse saber nas diversas publicações impressas do território ibérico e que migraram para o Novo Mundo a partir do século XVI; em especial, os chamados almanaques anuais e as cronografias ou reportórios dos tempos.

No que concerne a esses impressos de natureza astrológica, Luís Miguel Carolino observa que os almanaques eram publicações

[...] editadas anualmente, em largas tiragens, com o título sugestivo de *Prognósticos e Lunários dos Tempos*. Como o próprio nome indica (a palavra almanaque deriva do substantivo árabe *almanakh*, significando calendário), estas pequenas obras impressas tinham como objeto a passagem do tempo, ou melhor, a previsão dos tempos futuros. Quem comprasse o almanaque astrológico para o ano que estava prestes a iniciar-se não apenas adquiriria um calendário com informações sobre os dias e os meses do ano, os feriados, as festas religiosas, as fases da lua e, por vezes, as feiras mais famosas, como ficava conhecendo as previsões dos astrólogos para o ano futuro⁵.

Também as cronografias ou reportórios dos tempos tinham a astrologia como pauta privilegiada. Diferiam dos almanaques anuais pois não eram periódicos e se erguiam como obras de referência nas quais “os autores expunham as regras básicas da ciência astrológica de Ptolomeu. Entre esses autores que também assinaram vários prognósticos, destacaram-se André do Avelar, Manuel de Figueiredo e Gaspar Cardoso de Sequeira, juntamente com autores de origem espanhola como Jerônimo Cortez e Antônio Najera”⁶.

O caráter mais localizado no tempo e no espaço das chamadas folhinhas ou almanaques astrológicos expressava sua diferença em relação às cronografias de

³ Luís Miguel Carolino, *A escrita celeste: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Rio de Janeiro, Access, 2002, p. 31.

⁴ Luís Miguel Carolino, *A escrita...*, cit., p. 12-13.

⁵ Luís Miguel Carolino, *A escrita...*, cit., p. 7.

⁶ Luís Miguel Carolino, *A escrita...*, cit., p. 19.

referência, o que não impedia, entretanto, que as duas modalidades de impresso tivessem seus nomes confundidos, havendo então reportórios anuais e mesmo lunários perpétuos. Especialmente esses últimos circularam amplamente na Península Ibérica⁷.

O *Lunário Perpétuo* de Jerônimo Cortez não demora a entrar nesse circuito, angariando considerável sucesso entre os leitores de terras lusitanas. Sua presença entre os índices de 1632, 1640 e 1707 da Inquisição em Portugal⁸ mostra que a circulação de edições hispânicas antecedeu as primeiras edições portuguesas, iniciadas no alvorecer do século XVIII. Com efeito, foi no ano de 1703 que a casa editorial e/ou tipográfica de Miguel Menescal, conhecida por realizar as impressões do Santo Ofício⁹, publicou sua primeira tradução para o português, realizada por Antonio da Silva de Brito. Dos três nomes próprios envolvidos nesse empreendimento editorial em Portugal, o do tradutor Antonio da Silva de Brito foi, ao que aparenta, o que recebeu maior destaque. No *Diccionario Biobibliographico Portuguez*, publicado em 1858 por Innocencio Francisco da Silva, obra dedicada aos homens célebres em Portugal, é no verbete consagrado a Antonio da Silva de Brito que se encontram as maiores informações sobre o *Lunário Perpétuo*:

⁷ Rosa Maria Galvão indica, por exemplo, que o primeiro reportório que circulou em terras lusitanas, pelo menos o primeiro de que se tem notícia, datado de 1496, foi o *Almanach Perpetuum*, do judeu de Salamanca Abraão Zacuto. Na sequência, “No século XVI, um dos primeiros sucessos é a tradução (e adaptação para a realidade portuguesa), por Valentim Fernandes, do *Reportorio dos Tempos*, de Andrés Li, ‘cidadão de Saragoça’. Publicado em 1518, foi republicado por Germão Galhardo sucessivamente em 1521, 1528, 1543, 1552 e 1557”. Rosa Maria Galvão (org.), *Os sucessores de Zacuto*. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, p. 14. Faz-se importante observar que esta espécie de publicação circulou igualmente em outros territórios da Europa e além. Assim, entre os livros mencionados no processo do moleiro Menocchio junto à Inquisição, no século XVI, na região de Friuli, na Itália, estava, por exemplo, uma edição do *Lunario ao modo di Italia calculato, composto nella città di Pesaro dal ecc.mo dottore Marine Camilo de Leonardi*. Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 68. Também entre os séculos XVII e XIX, pelo menos, centenas de almanaques circularam nas colônias britânicas das Américas, como estar a indicar a lista realizada no início do século passado por Hugh Morrison. Hugh Alexander Morrison, *Preliminary check list of American almanacs, 1639-1800*, Washington, Government Printing Office, 1907.

⁸ Adalgisa Botelho da Costa. *O ‘Reportório dos Tempos’ de André do Avelar e a Astrologia em Portugal no século XVI*, Rio de Janeiro, Booklink; São Paulo, FAPESP/GHTC/UNICAMP, 2007, p. 55.

⁹ António Alberto Banha de Andrade. *Vernei e a cultura de seu tempo*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1966, p. 256.

ANTONIO DA SILVA DE BRITO, cujas circunstancias pessoais foram ignoradas de Barbosa, e também não vieram ainda ao meu conhecimento. – E.

1506) (C) *Fysionomia e varios segredos da Natureza; contém cinco tractados de diferentes materiaes etc. traduzidos de Jeronymo Cortez, Valenciano*. Lisboa, por Miguel Menescal 1699. 8.º - Esta obra, que se tornou popularissima em Portugal, foi no decurso do seculo passado repetidas vezes reimpressa. [...]

Bom fora que seu mérito correspondesse a tão extraordinario consumo; porém desgraçadamente não passa de ser um amontoado de frioleiras e erros grosseiros de toda a especie, apresentando a cada passo doutrinas, que a sciencia tem desde longo tempo desterrado para o paiz das chimeras.

1507) (C) *O Non plus ultra do Lunario e Prognostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias, composto por Jeronymo Cortez, Valenciano, emendado conforme o expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez*. Lisboa, por Miguel Menescal 1703. 8.º - Coimbra, por José Antunes da Silva 1730. 8.º - Lisboa, 1757. 8.º - Ibi, por Francisco Borges de Sousa 1768. 8.º de VIII-312 pag., que é a edição que possuo. – Ibi, por Joaquim Thomás de Aquino Bulhões 1805. 8.º - Ibi, na Imp. Regia 1820. 8.º - Ultimamente acrescentado, ibi, na Typ. de Mathias José Marques da Silva 1850. 8.º

Não creio que as sete edições indicadas sejam as unicas que d'este livro se tem feito. É provavel que mais algumas existam, que ainda não viesse á minha noticia. Da obra pode com pouca diferença dizer-se o mesmo que da antecedente¹⁰.

Segundo o verbete, o *Lunário Perpétuo* não foi a única obra de Jerônimo Cortez traduzida para o português, já que antecedido em alguns poucos anos por outro, dedicado aos segredos da natureza. Não é um despropósito, pois, levantar a hipótese da fama do valenciano em Portugal, por onde suas obras já circulavam em línguas hispânicas. Não fosse isso, difícil seria compreender a decisão da casa editorial e/ou tipográfica de Miguel Menescal de mandar traduzir e imprimir num curto intervalo de tempo duas obras do mesmo autor, ambas (nessas primeiras edições, como de resto nas demais inventariadas no verbete) em in-8º, ou seja, em formato pequeno, com aproximadamente 18 cm de página, indiciando uma economia no uso do papel, certa redução dos custos de produção que, incidindo sobre o preço do impresso, tornava sua aquisição mais fácil por parte de um número maior de compradores.

¹⁰ Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, p. 269-270.

Se a ausência de Jerônimo Cortez, nome do autor da obra, entre os verbetes da obra de Innocencio Francisco da Silva se explica pela predileção do dicionário pelos homens naturais de Portugal, ainda mais num período de nacionalismos exacerbados, como era o século XIX, o destaque conferido a Antonio da Silva de Brito não deve, no entanto, ser compreendido por este critério de exclusão. Talvez um pequeno detalhe na escrita do verbete possa oferecer elementos para pensar o relevo conferido ao tradutor: a presença da sigla “E.”. Nesse dicionário, a sigla informa que Antonio da Silva de Brito *escreveu* a obra. Compreende-se, portanto, que o texto português se constrói por uma operação de escrita do tradutor que inclui e extingue excertos, palavras, noções em obediência a várias exigências: a manutenção da matriz narrativa que fez o sucesso e o prestígio do livro, provocando sua fama para além das terras hispânicas, a necessidade de criar afinidades ou reconhecimentos entre o texto e o leitor lusitano naquele começo de século XVIII, as apostas editoriais com suas convicções de ter de inserir novos valores ou derruir tradições e o anseio de implantar sua própria marca autoral sobre o livro. Importante observar, ademais, que ao longo das edições que sucederam essa tradução setecentista, tais marcas puderam ter sofrido modificações das diversas casas editoriais ou tipográficas pelas quais o *Lunário Perpétuo* passou, como está a indicar, por exemplo, uma edição de 1877 dada ao prelo no Porto, na casa de António R. da Cruz Coutinho, editor que refere logo no título: “reformado e muito acrescentado por António Coutinho”¹¹.

Em todo caso, é a tradução/escrita setecentista de Antonio da Silva de Brito que passa a ser uma espécie de matriz para as demais edições portuguesas produzidas ulteriormente. No século XIX, por exemplo, em 1857, há uma edição de Lisboa, impressa por José Baptista Morando. No século XX, além da edição fac-símile da Vega, cuja publicação original data de 1876, e daquela da Chardon, de Lello & Irmão, de 1927, Câmara Cascudo aponta a existência de uma edição de 1921¹². Eduardo Campos, em estudo intitulado *Medicina Popular do Nordeste*, utiliza uma edição de 1945¹³. Rosilene Melo cita uma edição de 1955, de Lisboa pela Livraria Editora¹⁴. É possível verificar nessas edições,

¹¹ Jeronimo Cortez, *Lunario perpétuo e Prognostico geral e particular para todos os reinos e provincias, reformado e muito acrescentado por Antonio Coutinho*, Porto, Em casa de A. R. da Cruz Coutinho, 1877, s/p.

¹² Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário de Folclore...*, cit., p. 434.

¹³ Eduardo Campos, *Medicina Popular do Nordeste*, Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1967, p. 137.

¹⁴ Rosilene Alves de Melo. “Almanaques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas”, *Revista IEB*, 52 (2011), p. 107-122.

como havia indicado Câmara Cascuda, que, à medida que findava o século XIX, o título do livro ia sendo retraído, firmando-se apenas como *Lunário Perpétuo*.

Um livro eterno e mutante

Acompanhando alguns pontos da travessia do livro perpétuo que, desde o século XVI, mediante múltiplas edições, circula na Espanha, chega a Portugal, e de lá, trazendo marcas da cultura lusitana, desembarca no Brasil, coloca-se uma importante questão: como foi possível que um mesmo livro pudesse ter servido e sobrevivido aos interesses de tantos leitores distanciados no tempo e no espaço?

Para enfrentar essa questão, deve-se entender o *Lunário Perpétuo* como pertencente a um gênero de impresso peculiar: os almanaques. Desde os séculos XV e XVI, explica Rosa Maria Galvão, “‘Calendário’, ‘diário’, ‘borda de água’, ‘repertório’, ‘prognóstico’, ‘lunário’, ‘sarrabal’, ‘efemérides’, ‘agenda’, ‘folhinha’, ‘guia’, ‘tesouro’, ‘perfeito lavrador’, e até ‘tratado’ e ‘dissertação’, muitos foram os nomes que identificaram, ao longo dos tempos, uma brochura a que, frequentemente, se chama apenas ‘almanaque’”¹⁵. Impressos que se encarregam de organizar o tempo, os almanaques abordam múltiplos assuntos. Os temas se sucedem, estão todos contíguos, mas nem sempre são, ao menos imediatamente, afins. É sobre esses recortes e colagens que muitas vezes se assenta a pecha negativa em torno do gênero. Argumenta-se que se fala de tudo, mas nunca o suficiente, sempre superficialmente: “conhecimento de almanaque”.

A despeito desse suposto descrédito, alguns estudiosos se dedicaram a compreender melhor esse fenômeno que comporta uma vivacidade impressionante, haja vista a longevidade do próprio *Lunário Perpétuo*. Jerusa Pires Ferreira toca em uma questão central:

[...] o desafio de pensar no texto dos almanaques como um grande fundo mais ou menos estável, ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, uma conexão sempre móvel e atualizável, a depender dos públicos leitores, das épocas e das direções que se impunha a este corpo diverso de saberes. Aparentemente estranha a conexão de códigos, linguagens, cifras. Jogo, divertimento, informação pragmática, articulação de antigas crenças e ritos, e ainda a inserção de novos dados que podem parecer corpos estranhos mas que são exatamente aquilo que faz a especificidade do almanaque, equilíbrio entre um conjunto estabilizado e a inserção do novo¹⁶.

¹⁵ Rosa Maria Galvão (org.), *Os sucessores de...*, cit., p. 11.

¹⁶ Jerusa Pires Ferreira, “Almanaque” in Marlyse Mayer (org.). *Do Almanak aos almanaques*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001, p. 19.

O que particulariza o almanaque é esse jogo entre aquilo que se mantém quase como uma espécie de núcleo-duro e aquilo que a esse núcleo vai-se integrando ou que nele vai-se mingando ao longo das edições, dos tempos, dos lugares, dos leitores etc. Esse jogo é móvel, com regras flexíveis. Paradoxalmente, tem limites: precisa ter uma matriz narrativa suficientemente forte e definida para que o livro não se perca, para que não se transforme em outro e desapareça. É, portanto, a condição da diversidade em seu engajamento com um núcleo-duro temático ou narrativo que permite o fôlego de múltiplos almanaques. E assim, especialmente no Brasil, desde pelo menos o século XVIII, seguiram-se inumeráveis almanaques literários, climáticos, agrícolas, comerciais, de farmácia, urbanos, femininos etc¹⁷. Entre eles, evidentemente, figuram os *Lunários Perpétuos*.

Das três edições portuguesas sobre as quais trabalhamos com maior afinco, duas apresentam títulos idênticos: *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO. E no fim vae acrescentado com uma invenção curiosa de uns apontamentos e regras para que se saibam fazer prognosticos e discursos annuaes sobre a falta ou abundancia do anno, e um memorial de remedios universaes para varias enfermidades*, que figura no frontispício dos dois livros. Um deles é de 1857, impresso na tipografia de José Baptista Morando, de Lisboa, e outro de 1876, publicado em fac-símile no ano de 1978 pela editora Vega, também na mesma cidade¹⁸. A terceira edição data de 1927¹⁹, quando a Livraria Chardron, de Lello & Irmão, localizada na cidade do Porto, publica sua versão do livro perpétuo – *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os*

¹⁷ Marlyse Mayer (org.). *Do Almanak aos almanaques*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

¹⁸ Não se indica a data da edição original. No entanto, em seção relativa à contagem dos anos, este *Lunário* informava que o tempo se dividia em três, sendo que “A terceira parte começou em tempo da Lei da Graça dada por JESUS CHRISTO, Deus e homem verdadeiro: o qual tempo ha que dura, correndo desde a morte do mesmo Christo, 1876 annos”. Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincia*, Lisboa, Vega, 1978, p. 11. Donde se conclui que a edição original deste *Lunário* data de 1876.

¹⁹ Não há indicação de data na capa ou contracapa desta publicação. Chegamos à conclusão de que se tratava do ano de 1927, a partir da leitura da seção “DO TEMPO”. Dividindo o tempo em três partes, o *Lunário* afirma que “A terceira parte começou no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, o qual tempo ha que dura, correndo desde o Nascimento do mesmo Christo, 1:927 annos”, donde se presume que a publicação data desde ano. Jeronymo Cortez, *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 11.

reinos e províncias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado 1.º Na computação dos tempos 2.º Nas cousas agrícolas 3.º Com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguezas 4.º Com os socorros a dar aos envenenados 5.º Com a descrição e tratamento de muitas molestias 6.º Com numerosas receitas uteis e proveitosas 7.º Com o modo de descobrir as aguas 8.º Com varios jogos de cartas divertidos, etc.

Das comparações entre as três edições, constatou-se a permanência do calendário, no qual se sobressaem as referências religiosas e astrológicas, como se observa das imagens que seguem. A partir desse calendário, seria possível forjar uma série de marcos temporais que, em atenção aos dias das celebrações religiosas e às rotas astrais, participariam da organização da vida em sua dimensão mais prática. Parece ser esse o núcleo-duro dos *Lunários Perpétuos*: uma base cronológica à qual se vêm integrar, ao longo das distintas edições, múltiplas seções que abordam majoritariamente as questões do dia a dia.

<i>Perpetuo.</i>		39
Aur. N.	JANEIRO, tem 31 dias.	Aur. N.
	A. 1 ✠ Circumcisão do Senhor.	a. 13
17	b. 2 S. Isidoro Bispo, e M.	b. 2
	c. 3 S. Antero Papa M.	c. 2
6	d. 4 S. Eugenio e seus comp.	d. 10
	e. 5 S. Simeão Estylita.	e. 10
3.14	f. 6 ✠ Dia de Reis.	f. 7
	g. 7 S. Theodoro Monge.	g. 7
11	A. 8 S. Lourenço Justiniano.	h. 15
19	b. 9 * S. Julião Martyr.	i. 18
	c. 10 S. Paulo 1.º Eremita.	k. 4
	d. 11 S. Hygino Papa M.	l. 1
16.8	e. 12 S. Satyro Martyr.	m. 12
	f. 13 S. Hilario Bispo.	n. 12
	g. 14 * Os Martyres do Carmo.	o. 1
5	A. 15 * Santo Amaro.	p. 1
13	b. 16 Os Martyres de Marrocos.	q. 9
	c. 17 S. Antão Abbade.	r. 17
10.2	d. 18 A Cadeira de S. Pedro.	s. 6
	e. 19 S. Dionisio Carmelita.	s. 6
	f. 20 * S. Sebastião Martyr.	t. 1
	g. 21 Jy. Santa Ignez V. M.	v. 14
7	A. 22 ✠ S. Vicente Martyr.	u. 3
15	b. 23 S. Ildefonso Bispo.	x. 11
18	c. 24 N. Senhora da Paz.	y. 11
4	d. 25 Conversão de S. Paulo.	z. 19
	e. 26 S. Policarpo B. M.	z. 8
12	f. 27 S. João Chrysostomo.	z. 8
1	g. 28 Santa Ignez, e S. Cyrillo.	a. 16
	A. 29 S. Francisco de Salles.	b. 5
9	b. 30 Santa Martinha V. M.	c. 5
	c. 31 S. Pedro Nolasco.	d. 13

Figura 1. Mês de janeiro do calendário do *Lunário Perpétuo*. (Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e províncias*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 39).

O caráter empírico do livro já aparece sinalizado nos prólogos:

PROLOGO
AO DISCRETO LEITOR

Diz S. Gregorio Nazianzeno, que o bem não he bem se não usa delle; porque não he bastante fazer-se huma cousa boa, se se não obra conforme he. Pela qual razão, disse Seneca, que no fim se causa a gloria, querendo dizer que os effeitos, que se causão do bom, são bons; como tambem os do máo, são máos; alludindo ao que nos diz o Evangelho Santo: *Arbor bona bonos fructus facit & mala malos*. Neste Lunario (amigo Leitor) temos visto taes effeitos, pois com ser livrinho tão pequeno, até o presente se vem tão sublimes, e extraordinarios proveitos para todo genero de gente: assim te não pareça novidade a diversidade de tantas impressões, porque ainda mais se gastariam, se mais se fizerão, especialmente com esta ultima correccão.

[...] e pois a causa final he a causa das causas, bem se segue que a minha tem sido de caridade, e aproveitamento para todos: e semear não menos que boas obras, como disse Cicero, e granjear amigos, como Terencio, e tambem fazer de ignorantes e insipientes, Mestres, conforme Tito Livio²⁰.

A afirmação de que o bem só se realiza quando dele se faz *uso*, o jogo entre a pequenez do livro enquanto objeto e os consideráveis proveitos que proporciona, a extensão dessas serventias para um grande número de pessoas que, independente dos círculos que usam dividir os iniciados dos leigos, podem vir a tornarem-se mestres, tudo isso reitera o universo muito empírico no qual o livro perpétuo visa se inserir.

A essa dimensão primeira da existência, Geneviève Bollème denomina *essencial*. A autora chama a atenção para a existência nos almanaques de “une certaine représentation du monde dans laquelle se trouvent incluses et liées les préoccupations essentielles de l’humanité, des plus simples au plus complexes (manger, cultiver la terre, vivre ou survivre, prévoir, discerner, se conduire, se gouverner, s’informer, se distraire...)”²¹. É, pois, na medida em que os almanaques produzem, pela via do calendário, uma forma de organização do tempo bastante útil para o encadeamento dos afazeres do dia a dia, que se

²⁰ Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra...*, cit., p. 7-8. Importa ressaltar que uma das particularidades das edições portuguesas reside na permanência deste prólogo, que não recebe assinatura do autor Jerônimo Cortez, nem do tradutor Antonio da Silva de Brito, nem do editor pioneiro Miguel Menescal.

²¹ Geneviève Bollème, *Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles. Essai d’histoire sociale*, Paris, Mouton & Co, École Pratique des Hautes Études, 1969, p. 25.

manifestaria seu objetivo mais nobre: “permettre aux hommes de vivre plus aisément”²².

Ideia semelhante se encontra em famosa introdução do escritor Eça de Queiroz para o *Almanaque Enciclopédico* de 1896:

É que o almanaque contém essas verdades iniciais que a humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize, e se perpetue. A essas verdades, chamam os Franceses, finos classificadores, *verdades de almanaque*. São as altas verdades vitais. O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, excepto o mês em que se semeia o trigo. E se os livros todos desaparecessem bruscamente, numa fogueira atijada pelo Senhor, restando apenas entre o montão de cinzas um almanaque inocente, a civilização, guiada pelas indicações genéricas que ele desse sobre a cronologia, a religião, o estado, a lavoura, o direito, poderia continuar, sem esplendor e requinte, mas com fartura e com ordem, a sua marcha de caravana para a sua ignorada Meca²³. (grifos no original)

Assim, essa chamada *verdade de almanaque*, essa verdade que “rompe pela [...] casa, arregaça as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, revercede as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola o verniz que lascou...”²⁴, é ela que parece vibrar no *Lunário Perpétuo* desde o prólogo até a última página, costurando continuamente as atividades mais básicas da existência, anunciadas nas sucessivas seções, às marcações temporais do calendário astrológico e religioso. Em outras palavras, é a tônica sobre o mundo da empiria que rege o estabelecimento de relações de sentido entre as distintas seções que compõem o livro; a força de adesão das seções distintas e moventes ao núcleo-duro do *Lunário Perpétuo* expressava-se na primazia que ofereciam ao empírico e seu encadeamento cotidiano propiciado pelo calendário.

Protocolos de leitura

A escrita do *Lunário Perpétuo* a partir desse movimento contínuo, que, sobre uma mesma narrativa matriz, agregava e retirava seções, derivava das operações compreendidas por escritores, editores, tipógrafos e outros profissionais pelos

²² Geneviève Bollème, *Les almanachs populaires...*, cit., p. 11.

²³ Eça de Queiroz, *Notas Contemporâneas*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1913, p. 512-513.

²⁴ Eça de Queiroz, *Notas...*, cit., p. 539.

quais o impresso passou. Essas operações eram orquestradas pelas ideias que esses profissionais do livro tinham sobre o público leitor. Uma vez chegando a algumas conclusões a respeito do que imaginavam ser a “sensibilité du public populaire [...], ses prédilections et ses refus”²⁵, os produtores do livro sinalizavam no impresso como pensavam ou desejavam ser as leituras. Estabeleciam-se protocolos de leitura.

Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo que esboça seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços e efeitos de persuasão²⁶.

No *Lunário Perpétuo*, os protocolos de leitura pareciam indicar uma tendência ao prestígio de um corpo de saberes, de estilos narrativos ou de imagens que, em alguma medida, se integravam a uma tradição. De modo que, neste impresso:

Pela recorrência de formas muito codificadas, pela repetição de temas semelhantes de um título a outro, pelo reemprego das mesmas imagens, o conhecimento do texto já visto é utilizado para a compreensão de novas leituras. [...] torna-se, assim, uma leitura que é mais reconhecimento do que verdadeira descoberta²⁷.

Essa afeição pelo já conhecido manifesta uma vivência particular com o tempo, na qual o passado e o futuro se conciliavam pelo apreço da tradição. A leitura do livro perpétuo expressaria em alguma medida uma situação em que

[...] as expectativas que eram ou que podiam ser alimentadas [...] eram inteiramente sustentadas pelas experiências dos antepassados, que passavam a ser também as dos descendentes. Quando alguma coisa mudava, tão lenta e vagarosa era a mudança que a ruptura entre a experiência adquirida até então

²⁵ Robert Mandrou, *De la Culture Populaire aux 17e et 18e siècles. La Bibliothèque Bleue de Troyes*, Paris, Imago, 1999 (1964), p. 24.

²⁶ Roger Chartier, “Prefácio”, in Roger Chartier (org.), *Práticas da leitura*, São Paulo, Estação Liberdade, 2009 (1985), p. 20.

²⁷ Roger Chartier, *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, Brasília, UnB, 1999 (1986), p. 20-21.

e uma expectativa ainda por ser descoberta não chegava a romper o mundo da vida que transmitia²⁸.

Isto não significa dizer que o livro não trazia o diferente, mas a condição para que este aparecesse residia na sua integração ao já conhecido. Dito de outro modo, os editores do *Lunário Perpétuo*, preocupando-se em garantir uma leitura que se interessava por reconhecer, não se eximiram de cavar ocasiões para dar a conhecer outras coisas. Tome-se o exemplo da seção *Dos cometas e de suas naturezas e efeitos em geral*. No livro editado por José Baptista Morando, de 1857, lia-se:

Cometa não he outra cousa, (conforme o parecer de gravissimos Filósofos) que huma maxima quantidade de exhalações quentes, e seccas, attrahidas da terra, do alto, pela virtude, e força natural do Sol e das mais Estrellas; e levando as taes exhalações á suprema região do ar, onde, por estarem tão visinhas á esfera do fogo, pela ventilação do ar se accendem, e inflammão, e conforme a densidade que têm assim durão muito, ou pouco tempo, sem se desfazerem. Estes Cometas, e signaes (conforme affirmão todos os Filósofos, e a experiencia mostra) sempre, ou pela maior parte denotão infortunios, como são guerras, pendencias, fomes, carestias, e pestes, bem como mortes de Principes, e grandes Senhores²⁹.

A edição da casa Chardron, datada de 1927, assim apresentava a mesma seção:

Cometa não é outra cousa (conforme o parecer de gravissimos philosophos), que uma maxima quantidade de exhalações quentes e sêccas, que andam na suprema região do ar, onde, por estarem tão vizinhas á esfera do fogo se accendem e inflammam e conforme a densidade que teem, assim duram muito, ou pouco tempo, sem se desfazerem.

Os antigos tinham grande medo do aparecimento dos cometas e acreditavam que eles vinham anunciar algumas vezes infortunio, como são guerras, pendencias, fomes, carestias, e pestes, bem como mortes de principaes e grandes senhores; modernamente, porém, já se não acredita n'essas influencias dos cometas, alguns dos quaes já teem o seu andamento calculado pelos astrônomos, de sorte que até se sabe o dia em que devem apparecer³⁰. (grifos no original)

²⁸ Reinhart Koselleck, *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto PUC-Rio, 2006 (1979), p. 315.

²⁹ Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 141-143.

³⁰ Jeronymo Cortez, *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 166.

Percebe-se aqui que o jogo entre a narrativa matriz e as seções moventes podia ser não apenas aquele entre o conhecido e o desconhecido, mas traduzia-se mais especificamente naquele entre o antigo e o novo, ou entre a tradição e a modernidade. Na edição de 1927, a inserção da novidade na seção sobre os cometas, mas também em algumas outras, trazia a perspectiva da temporalização, ou seja, uma compreensão do tempo como fator das mudanças empreendidas pelos homens. A partir dessa perspectiva, ao apreço por aquilo que tende a permanecer por respeito à tradição, contrapõe-se a constituição de um “fosso entre a experiência anterior e a expectativa do que há de vir, cresce a diferença entre passado e futuro”³¹. Em todo caso, como se observa, nas páginas do livro perpétuo, mesmo em edições mais afeitas a uma vivência moderna do tempo, a inserção de inovações não consegue superar a pertinência do já conhecido e experimentado.

No livro perpétuo, as confianças sobre o experimentado orientavam igualmente as formas textuais presentes no impresso. Assim, observa-se nas edições uma tendência a frases e parágrafos curtos, a seções divididas em múltiplos subitens, elementos que pertencem a uma fórmula tradicional, já reconhecida. Veja-se, por exemplo, a seção *Tratado da Astronomia Rustica, e Pastoril, importante a lavradores, pastores e navegantes*, presente de forma quase idêntica nas três edições em causa. Pulverizada em 30 divisões ao longo de 18 páginas, a seção apresenta o intuito de tornar a leitura menos densa, salpicando as informações em poucas palavras, constituindo-as em frases simples e diretas:

Signaes de terremotos por diversas causas.

Quando apparecer algum Cometa de côr negra, vermelha, ou verde, denota terremotos.

Quando o mar se engrossar, e alterar sem fazer vento, haverá terremoto, ou grandes tempestades.

Quando as aves se assustão espavoridas, denotão terremotos.

Quando a agua dos poços se fizer turva, e se sentir máo cheiro, sem causa exterior, denota terremoto, e mui brevemente.

Quando se vir que os animaes do campo andão espantados, denota terremotos.

Quando os terremotos vem de noute, são perto da manhã, e de dia são perto do meio dia, porque a taes horas o ar costuma estar mais quieto, e socegado.

Na Privamera, e o Outono costumão ser os terremotos mais do que em outro tempo e nos lugares mais visinhos do mar, e dos montes³².

³¹ Reinhart Koselleck, *Futuro passado...*, cit., p. 294.

³² Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario...*, cit., p. 233-234.

Nesta divisão e nas demais partes que compõem a seção, é possível afirmar aquilo que Roger Chartier concluíra sobre os livretos da *Bibliothèque Bleue*, o prestígio a “uma leitura que não é virtuosa nem contínua, mas que toma e deixa o livro, que apenas decifra facilmente seqüências breves e fechadas, que exige sinalizações explícitas”³³.

O *Lunário Perpétuo* intercalava ao texto algumas imagens. Constatase a repetição das mesmas imagens em diversas edições, a começar por aquela presente na capa, na qual se identifica a mão do astrólogo manuseando um instrumento de trabalho necessário para os cálculos das rotas astrais que embasavam o calendário lunariano. Ausente das edições hispânicas, essa imagem marca uma particularidade dos *Lunários Perpétuos* lusitanos, funcionando como índice primeiro de reconhecimento do livro.



Figura 2. Capa do *Lunário Perpétuo*. (Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 17).

³³ Roger Chartier, “Do livro à leitura” in: Roger Chartier (org.), *Práticas da leitura...*, cit., p. 101.

Afora a da capa, a primeira imagem que aparece se insere na seção *Do numero e natureza dos ventos*. Trata-se de uma figura de quatro faces humanas em movimento de sopro, situadas nos quatro lados de um quadrado, como a indicar espacialmente os pontos cardeais.



Figura 3. *Do numero, e natureza dos ventos*, presente no *Lunário Perpétuo*. (Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 13).

Figuras humanas estão igualmente presentes nas ilustrações que acompanham o item *Da qualidade, e prognosticação natural, e efeitos* de cada um dos planetas, uma vez o ano se inicie sob sua influência.



Figura 4. *Da qualidade, e prognosticação natural, e efeitos de Venus*. (Jeronymo Cortez, *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 78).

A tendência a personificar o vento e os planetas indicia uma compreensão dos homens como pouco diferenciados daquilo que existe ao seu redor, ideia várias vezes insinuada no corpo dos textos. Os elementos antropomórficos seguem predominantes também nas ilustrações existentes no calendário, aí expressando os signos do zodíaco.

Há ainda as imagens do corpo humano relativas aos cuidados com a saúde, indicando as partes que se devem sangrar, purgar ou banhar a depender dos males que eclodem. É igualmente o corpo que está em pauta em seção intitulada *Regra para conhecer de noite que hora será pelo norte*, porém não sob a forma de objeto sobre o qual se realiza uma atividade, mas como próprio instrumento a partir do qual se produz certo saber.

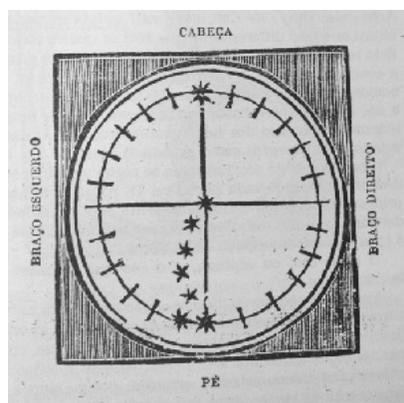


Figura 5. *Regra para conhecer de noite que hora será pelo norte.* (Jeronymo Cortez, *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 28).

Em quase todas as imagens, trata-se de fazer uso da realidade corporal para conferir ensinamentos de ordem prática. A consulta aos calendários, as informações sobre os ventos, a leitura dos prognósticos, as partes do corpo onde realizar terapêuticas e as técnicas para saber as horas induzem a um universo profundamente empírico no qual o *Lunário Perpétuo* busca se inserir. Neste caso, as diversas práticas cotidianas são uma extensão das leituras, “Entre textos e gestos, as relações são, portanto, estreitas e múltiplas, obrigando a considerar em toda a sua diversidade as práticas do escrito”³⁴.

³⁴ Roger Chartier, *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, São Paulo. UNESP, 2004 (1987), p. 12.

As imagens parecem ter forte participação na produção do sentido do texto, mormente quando se trata de leitores que não se acomodavam muito consistentemente na cultura escrita. Para Jean Hébrard:

Se uma imagem acompanha um texto e continua a mostrar-se nessa apreensão global que implica toda mensagem icônica, ela pode se tornar a garantia da permanência de um sentido ao nível das unidades semânticas amplas (tema principal, temas secundários, episódios da narração, etc.). Ela representa, portanto, a coerência textual no próprio momento em que o trabalho de segmentação necessário à aprendizagem tende a destruí-la³⁵.

Produzindo coerências textuais, as imagens o fazem ao remeterem àquilo que se desdobra fora do texto e que possivelmente faz parte do conhecimento dos leitores. Integrando o livro ao repertório da memória e da tradição, as ilustrações contribuem para o jogo complexo e aparentemente paradoxal que explica o sucesso de um livro em searas de cultura oral. Nesse sentido, não parece exagero afirmar que as tradições orais foram o elemento mais referenciado e reverenciado pelo trabalho dos editores do *Lunário Perpétuo*, explicando as escolhas textuais, formais e de imagens. Mesmo o impresso da editora Chardron, de 1927, em suas tentativas de modernização do livro, empreendendo um rareamento das imagens, fazendo do espaço da página quase sempre completamente habitado por letras, levantando um tímido elogio à cultura escrita, mesmo aí, a força da oralidade impunha os limites e freava abruptas inovações.

Leituras possíveis

Pela variedade de temas, supõe-se serem múltiplas as ocasiões que solicitavam a leitura do *Lunário Perpétuo*. Franselma Figuiêredo aponta para aquelas relativas às configurações climáticas, sendo o livreto apreciado pelos chamados “profetas das chuvas”, que anunciavam os invernos e as secas aos sertanejos, e ainda aquelas em que o *Lunário* e outros almanaques nele baseados (*Almanaque do Horticultor* ou *Juízo do Ano*, por exemplo) eram consultados por mote da elaboração dos cantadores e mesmo da literatura de cordel³⁶. Igualmente estavam as circunstâncias que colocavam questões sobre a saúde e

³⁵ Jean Hébrard, “O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?”, in Roger Chartier (org.), *Práticas da leitura...*, cit., p. 62.

³⁶ Franselma Fernandes de Figuiêredo. “As fortunas eruditas e populares do *Lunário Perpétuo*”, Imburana – Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, Natal, 9, (2014), p. 23-35.

a doença. Eduardo Campos conta em suas memórias episódios de sua infância passada em Fortaleza, capital do Ceará, no nordeste do Brasil, nos anos 1930, nos quais os interesses terapêuticos acionavam o livro perpétuo:

Na verdade, reatualizando o que anotei antes, possível entender que a pouco e pouco já se tornassem raros esses livros de medicina antigos, embora na Rua do Imperador [antiga residência do escritor] ainda prevalecesse a terapia copiada ao ‘Lunário Perpétuo’, espécie de almanaque que além de informações de interesse da saúde das pessoas informava igualmente o comportamento do tempo, da hora de plantar, de colher, e vaticínios etc³⁷.

Assim, tratava-se de livro presente nas residências, nas quais podia ser frequentemente consultado. Poderia ter sido objeto de empréstimos, circulando entre vizinhos, parentes e conhecidos. Não é descabido pensar que tivesse alcançado audiências pouco aventadas por seus produtores, embora estes tivessem apresentado preocupações em manter o livro disponível para uma amplitude de leitores.

A despeito da circulação indiscriminada, o *Lunário Perpétuo* parece ter sido especialmente caro para aqueles que se encarregavam das artes de curar. Em *Medicina Rústica*, Alceu Maynard Araújo escreve que, nos anos 1950, em Piaçabuçu, cidade sertaneja do estado de Alagoas:

Certa ‘bezinheira’ que também é ‘assistente’, parteira das mais experientes da cidade, disse ter aprendido muitos remédios na leitura do ‘Lunário Perpétuo’, onde há astrologia, medicina, história e pelo que pudemos ler em seu usado e amarelecido volume provérbios e outros ensinamentos. É por isso que alguns matutos repetem frases inteiras numa linguagem clássica, há os que até decoram o ‘Lunário Perpétuo’. A ‘benzinheira’ D. Dindinha o considera livro de muita sabedoria³⁸.

E ainda:

Os benzedores recebem os ensinamentos, em geral, de um seu antepassado, aprendeu com os ‘mais velhos’. O cego pedinte da feira reputado como o melhor benzedor de crianças de braço, disse ter aprendido com seu finado pai as rezas para benzer. Não sabendo ler, mesmo quando enxergava, nunca

³⁷ Eduardo Campos, *O inquilino do passado (Memória urbana e artigos de afeição)*, Fortaleza, Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998, p. 22.

³⁸ Alceu Maynard Araújo, *Medicina Rústica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 158.

teve oportunidade de ler o ‘Lunário Perpétuo’, mas citava alguma coisa que aprendera de outiva, coisas lidas pelo ‘finado framacete’³⁹.

Portanto, o livro perpétuo participava das formações dos homens e mulheres que praticavam curas. Nos dois excertos, esse processo é registrado a partir de leituras em articulação com a cultura oral, nas quais a voz ganha destaque face ao escrito quando traduz o texto do livro para os ouvintes, e quando exprime, mesmo sem intimidades com a cultura escrita, esse mesmo texto de cor, integrando-o aos “engenhos da memória”.

Nessas relações com o livro que ensina a remediar, parecem sobressair alguns elementos. O primeiro deles é o da ancianidade, cuja positividade repercute no prestígio conferido aos saberes que vêm de longe. Assim, no *Lunário Perpétuo*, o apreço pelo antigo manifesta-se pelos textos que permanecem séculos a fio, pelas formas e imagens quase sempre semelhantes e reconhecíveis e especialmente pelas referências às *authoritas* – nomes próprios que inspiram credibilidade por remontarem a tempos muito recuados, como Plínio, Hipócrates, Avicena, Cícero etc. O livro, falando de coisas antigas, tanto mais valioso seria se materialmente fosse igualmente envelhecido, sucedendo-se nas gerações, manuseado pelos homens mais velhos, inserido nas correntes da herança. Em todos os casos, flagrava-se “o passado como fonte de autoridade, promotor e produtor de autoridades (a autoridade dos fundadores, dos ancestrais...)”⁴⁰.

Envolto no *Lunário Perpétuo* e seus usos com fins terapêuticos, não muito distante do elemento de ancianidade, estaria o elemento do sagrado, dimensão que dificilmente perdia pertinência com o passar dos anos. Pela via do livro, o sagrado e a saúde se imbricam a começar pelas próprias denominações que recebiam aqueles que se dedicavam à cura – benzinheiro ou benzinheira, benzedor ou benzedora: referência direta ao ato de benzer, que em geral significa invocar a proteção divina pelo sinal da cruz. A inserção do *Lunário Perpétuo* nesses caminhos do sagrado e da saúde aparentava fazer dele próprio um objeto sagrado, cultivando afinidades com uma figura da leitura dita intensiva, na qual:

[...] a leitura é reverência e respeito pelo livro porque ele é raro, porque está carregado de sacralidade mesmo quando é profano, porque ensina o essencial. Essa leitura intensa produz a eficácia do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de

³⁹ Alceu Maynard Araújo, *Medicina Rústica...*, cit., p. 158-159.

⁴⁰ François Hartog, “Tempos do Mundo, História, Escrita da História”, in Manoel Luiz Salgado Guimarães (org.), *Estudos sobre a Escrita da História*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2006, p. 24.

contar. Uma relação atenta e deferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu ser mais íntimo a letra do que leu⁴¹.

Integrando-se à tradição oral, ao repertório já compartilhado pelos leitores, as práticas envoltas do livro perpétuo desembocam em novos caminhos, compreensões originais e improváveis. Cabe lembrar que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”⁴². Desses cruzamentos, passam a decorrer distintas formas de entender o mundo e os homens, narrativas a partir das quais a existência, o dia a dia e os usos das coisas mais corriqueiras ganham sentido. Veja-se o que Alceu Maynard Araújo registrou sobre uma leitora e sua leitura do *Lunário Perpétuo*:

A influência de algumas leituras, as suas muitas observações levaram-na a ser considerada a mais entendida em curas. Sendo muito procurada, sempre aconselha. A influência do ‘Lunário Perpétuo’, às vezes traz estas confusões. Dona Olinda ao explicar os males da “conjunção do sol”, assim definiu o que seja tal conjunção: “a conjunção do Sol com a Lua apareceu pela vez primeira quando Jesus nasceu, não sabe? Jesus foi gerado pela conjunção do Sol. Do Devino Espírito Santo rodando pela cabeça da Virgem Nossa Senhora. O Sol sobre o Espírito Santo e o Espírito Santo sobre Nossa Senhora. Foi a conjunção do Sol com a Lua sobre a cabeça de Nossa Senhora que deu Jesus, não sabe? Foi uma grande guerra, não sabe? Nunca mais nós tiramos a conjunção do Sol com a Lua”⁴³.

O filtro preconceituoso do folclorista qualifica de confusa a narrativa de Dona Olinda, que, em suas leituras, porém, parece ter entendido e estendido certa lógica lunariana de conferir sentido ao mundo pelo entrecruzamento dos eventos astrológicos e religiosos. Unindo num mesmo sentido as rotas astrais e os acontecimentos bíblicos, como usava acontecer nas páginas do *Lunário Perpétuo*, a benzinheira promovia ademais correlações entre essas explicações com os assuntos da saúde e da doença – ressalte-se que a conjunção do sol com a lua era um dos fenômenos celestes de consequências mais consideráveis, pois eram devastadoras para os doentes. Nesse sentido, como afirma Roger Chartier,

Considerar a leitura como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando

⁴¹ Roger Chartier (org.), *Práticas da leitura...*, cit., p. 86.

⁴² Roger Chartier (org.), *Práticas da leitura...*, cit., p. 20.

⁴³ Alceu Maynard Araújo, *Medicina Rústica...*, cit., p. 253.

situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais – chamemos-lhes ‘tipográficos’ no caso dos textos impressos – que são os seus⁴⁴.

Considerações finais

De uma maneira geral, portanto, o texto, o livro e as leituras reuniam o sagrado e o empírico, a ancianidade e a circunstância, seguindo fiéis ao apreço pela tradição. Agregando essas qualidades que integravam uma cultura do almanaque, especialmente forte enquanto herança lusitana, o *Lunário Perpétuo* tornou-se um seu veículo ao longo de alguns séculos nos sertões do Brasil; espaços em que a leitura do tempo pela via do calendário astrológico e religioso se enlaçava na resolução das questões mais comensuráveis que compunham a ordem dos dias, a vibração do cotidiano. Com uma estrutura consideravelmente aberta para a emergência de múltiplas leituras, o livro perpétuo fez permanecer no território brasileiro traços do Portugal do século XVIII, agregando-lhes práticas e usos, a cada ocasião, tributários das realidades em que o impresso foi acionado – com especial destaque, neste artigo, para as regiões sertanejas do Brasil, entre as quais se poderiam incluir algumas cidades de forte vocação rural, ao longo da primeira metade do século XX.

⁴⁴ Roger Chartier, *A História Cultural entre práticas e representações*, Algés, Difel – Difusão Editorial Ltda, 2002, p. 25-26.